

José Hugo diz a empresários que apóia ida ao FMI

Com um discurso que ele próprio reconheceu que irá desagradar aos chamados "progressistas" do PMDB, seu partido, o ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castello Branco, conseguiu ontem o aplauso unânime de quase 700 empresários ao defender "a normalização das relações do país com o sistema financeiro internacional, inclusive com negociações com o FMI; o fortalecimento da liberdade econômica; a privatização de empresas estatais; a simplificação das atividades empresariais; a abertura para capital estrangeiro e a retirada, do novo projeto de constituição, da estabilidade no emprego e redução da jornada de trabalho".

Ao agradecer a homenagem dos empresários, que ontem lhe ofereceram um almoço no Copacabana Palace ao qual compareceram representantes de Federações das Indústrias de diversos estados, o ministro acabou fazendo um discurso mais duro do que a fala do presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antônio Oliveira Santos, embora ambos reivindicassem as mesmas coisas.

Voz empostada, José Hugo leu pausadamente as 13 laudas do pronunciamento, sendo aplaudido diversas vezes. A primeira manifestação favorável foi quando defendeu a "normalização de nossas relações com o sistema financeiro internacional, abrindo-se negociações com o próprio FMI. Para ele "não faz sentido, aprioristicamente, condenar a ida do Brasil ao Fundo". E advertiu: "somente aceitaremos trilhar os caminhos do desenvolvimento".

Enquanto esperavam os garçons servirem um prato de frango com arroz e ervilha, os empresários, entre os quais misturavam-se pesos-pesados como Albano Franco, Luis Eulálio Bueno Vidigal, André Beer, Karlos Rischbieter, Ernane Galvêas, Théophilo Azere-dô Santos e lideranças novas, como Ronaldo Caiado, da UDR, que passou todo o almoço conversando com o governador Moreira Franco, saborearam o pronunciamento do ministro que, todos, sem exceção, ao final disseram refletir o pensamento do empresariado. "Não nos iludamos, não haverá liberdade política se

não houver liberdade econômica", explicou o ministro, conquistando mais aplausos.

Para ele, a regra básica é a de o Estado não ocupar espaços que são próprios da iniciativa privada, "pela simples razão que esta é mais eficiente e competitiva do que aquele". Mas ele lembrou que "ainda que implique em pesado desafio político e econômico, a privatização das estatais desnecessariamente controladas não fecha o elenco das medidas necessárias e imprescindíveis para se promover a efetiva eliminação do intervencionismo estatal do âmbito da economia".

Defendeu o papel da empresa privada como a "principal alavanca de promoção do nosso desenvolvimento", mas também falou que a "formação de *joint-ventures* com as empresas estrangeiras deverá ser apoiada desde que assegurado o controle nacional". Ao falar das empresas estrangeiras, deixou claro que no seu entendimento elas "ocupam posição de destaque no processo de desenvolvimento brasileiro, particularmente em seus setores mais modernos e dinâmicos. Somos inteiramente receptivos às contribuições adicionais da empresa estrangeira".

Como o presidente da CNC, Antônio Oliveira Santos, que em seu discurso criticou as propostas sociais contidas no esboço da nova Constituição, classificando de demagógica e falaciosa a estabilidade no emprego, o ministro não deixou de abordar tanto a questão da estabilidade como da redução da jornada de trabalho: "A Nação brasileira já não suporta mais conviver com este tipo de demagogia, os próprios trabalhadores reconhecem que este tipo de estabilidade é o caminho mais curto para o desemprego e a inquietação de suas famílias. Inserir na Constituição esses dispositivos é mais do que uma insensatez, é uma afronta aos milhões de brasileiros despossuídos e marginalizados".

Antônio Oliveira Santos destacou também em suas críticas o capítulo da Constituição sobre Ciência e Tecnologia, "que nos isola do mundo sob o chavão de que o mercado interno é patrimônio nacional, uma concepção exótica e extravagante".

Olavo Rufino



Moreira Franco saúda o ministro pelo muito aplaudido discurso